

## **Episódio 3**

*Ahem.* Como eu falei no episódio anterior, aqui o foco será em Cael, em mim, o universo que está contando tudinho dessa forma meio “narrator consciente” (que conceito meia boca, hein?). A questão principal é: será que terá respostas do mundo? De mim? Bom, vai depender do meu humor até o final disso aqui, já que este episódio é foco total, provavelmente pode ficar longo ou mais curto dependendo da minha boa vontade. Pronto? Vamos lá então (e se prepare para alguns blá-blá-blá e pensamentos a rodo).

### *Parte 0 - Pés no chão (ou diria patas?)*

Ainda era de tarde naquele dia. Ou melhor, estava ficando mais tardinha, pôr-do-sol pelo menos na perspectiva de Niko e Felicie, e já noite na perspectiva de Mallow e Emma, mas aqui, é a perspectiva de Cael e ele ainda estava no polo sul depois de ter se encontrado com o pinguim curioso. Para ele, era o começo da manhã pelo fuso horário e como funciona o ciclo de dia e noite no polo. Mas Cael não queria ficar ali por muito tempo, pois logo depois de dar uns rolês pelo globo, ele decide que era hora de se misturar na multidão para tentar passar seu tédio, já que estava por ali mesmo.

Não era comum ele querer se “enturmar” no meio da sociedade, isso desde incontáveis iterações atrás na qual ele achou curioso o formato da espécie “furão”, adotando como sua identidade no universo atual tal qual os seres tinham uma anatomia muito parecida com humanos, mas ainda sendo tipo animais, algo difícil de explicar, mas para Cael isso não importava muito, ele já viu de tudo.

Enfim, ele agora decidiu ficar instalado em um sociedade ou cultura do mundo, e escolheu justamente Norlândia\*. Ao ir para lá, era algo que ele mais ou menos esperava: um lugar “avançado”, cheio de prédios e mega-prédios onde a vista alcançava e rodovias desnecessariamente longas apenas para ir até o outro lado da cidade para comprar uma caixa de leite.

\* Norlândia: Estados Unidos fictício aqui nesse mundo. Eu realmente precisava lembrar você disso?

No que ele já decide andar pela cidade, era o outro dia, no começo de uma manhã especificamente. A cidade de Ashgrove era qualquer cidade urbana e industrializada num mundo futurista que você imaginaria. Os prédios e mega-prédios com telões ou hologramas exibindo anúncios e até os semafóros eram holográficos. Árvores? Até tinha algumas em pontos específicos, mas eram ofuscadas por tecnologia. As pessoas andavam com rumos, umas indo ao trabalho, algumas era possível ver que estavam indo à faculdade só pelo que carregava nas costas ou nos braços, e sempre tinha aquele grupo que ficava vagabundeando por aí. Aparentemente Cael teria uma experiência verdadeira vivendo em sociedade depois de um número inimaginável para nós de iterações.

Cael andava por ruas inclinadas, retas, e curvadas, a essa altura ele nem estava buscando algo em específico, apenas querendo sentir a vibe urbana de alguém que não contribui nada para a sociedade... Espera, contribuir para a sociedade. Era algo que ele começou a cogitar depois de mencionar isso em forma de narração agora mesmo. O raciocínio que ele teve agora foi: *viver em sociedade = trabalhar = contribuir*. Então era isso que ele iria fazer, experienciar um tempo como um cidadão que trabalha. Que inovador né?

E sabe o que mais é inovador? Cael ter parado justamente do lado de um lugar, que ele olha para a placa pendurada na janela dizendo “estamos contratando”, e era em alguma filial qualquer de uma rede de fastfood. Quem diria que Cael estaria tentando ser CLT para sair do tédio... Além da conveniência do roteiro para esta cena. Ele olha para a placa e decide ir até a loja.

Basicamente, era um tipo de lanchonete com visual brutalista ou modernista misturado, por que as empresas pelo menos deste país perderam sua criatividade para padronizar tudo, embora esse conceito não faça sentido para Cael. Ele observa de fora, havia clientes dentro conversando e comendo a comida gordurosa, alguns saindo, carros estacionando e outros passando pelo drive-thru... parecia normal ao mesmo tempo curioso já ter bastante gente neste horário, mas deve ser cultural do povo dali.

Ele decide entrar no lugar, e ele já sente aquele cheiro de carne frita e de olho que provavelmente está sendo reutilizado fazia 2 semanas, pelo menos o lugar parecia minimamente limpo, por que o chão não escorregava e as paredes ainda estavam brancas. Enquanto Cael tentava procurar onde se informar sobre a vaga, alguns que passavam por ele ficavam se perguntando quem era o sujeito estranho. E por que acham ele estranho? É bem simples se você se lembrar lá dos primeiros instantes. A cauda e o cabelo de Cael tem uma “textura” diferente, não é uma cor em si, você conseguia ver um brilho roxo e a visão parallax do espaço a fora por eles, o que já chamava atenção demais, além de que ele observava as coisas com atenção demais.

Cael olhar para os balcões, placas, os anúncios nas telas holográficas de promoção de lanches... mas nada parecia indicar onde se informar sobre a vaga. Alguém que estava na parte de atendimento no caixa, que por ora estava sem fila, percebeu este pobre senhor perdido no meio da loja. Ela era estava no uniforme do lugar, uniforme meio avermelhado, avental e a clássica touca de redinha preta prendendo o cabelo e apertando as orelhas de camundongo dela, e bom, pela expressão dela, não era a primeira vez vendo um maluco entrando ali.

Ela decide sair do seu posto deixando um colega cuidar por um momento. Ela sai da parte de trás do caixa, indo até Cael chegando por trás.

“Uh... com licença, senhor? Precisa de algo?” Ela pergunta, com um sorriso pequeno levemente forçado, aqueles que a empresa pede para você ter com os clientes.

Cael se vira, com sua expressão neutra, responde.

“Ah, sim. Preciso.”

Ela pisca duas vezes, sem entender. Tipo, ok, ele disse que precisa de algo, mas não disse o que era. Mas agora não sabemos de quem é a culpa de ser literal.

“Ceeerto. E do que precisa?” Ela pergunta de novo.

Cael coloca a mão no queixo.

“Estou procurando onde posso... como se diz? Inscrever?”

“Você quer dizer se candidatar? Sim, estamos com vagas abertas.” Ela cruza os braços, se ele está perdido assim para pedir informação, imagina trabalhar.

“Isso mesmo. Onde posso fazer isso, uhm...” Ele olha para o crachá preso no uniforme dela. “Ashley. Como faço para candidatar? Com quem eu falo?”

Ela dá uma risada curta, ela pensava consigo mesma que esse cara era estranho mesmo, parecendo que não sabe como funciona um processo seletivo. Bom, ele não sabia mesmo, Cael nunca precisou trabalhar, e nem precisa, é puro esporte.

“Haha... olha, tu não ‘fala’ com alguém. Se tiver com o currículo aí, só deixar comigo que eu levo pro meu superior depois.”

“Currículo?” Cael pergunta ainda com expressão neutra, fazendo ficar difícil da Ashley saber se ele estava zoando ou falar muito sério.

“U-uhm... Sim, currículo. Onde tem teu nome, experiência...”

“Eu preciso de experiência para trabalhar aqui?”

Bom, essa foi em cheio Cael. Na verdade foi até maldoso, por que não, não precisa de experiência alguma para trabalhar em fastfood e receber um salário mínimo.

“É... pere aqui um pouquinho, eu vou chamar o gerente para conversar contigo.”

“Certo.”

Ashley se afasta, voltando para trás do balcão, não para trabalhar mas sim para ir atrás do gerente da loja. Era a primeira vez que ela teve que lidar com alguém que queria trabalhar mas não sabia nem o que era um currículo, ainda mais porque Cael tinha uma aparência jovem, então para os outros ele deveria saber o que é isso. Mal sabe qualquer um dali que ele não precisa de nadinha disso.

Uns 2 minutos depois, enquanto Cael estava intrigado com os hologramas exibindo promoções de hamburques, olhando de perto demais deixando clientes desconfortáveis, o gerente da loja sai da parte dos funcionários, para conversar com ele, era uma lontra baixinha que parecia adorável demais para ser um gerente, e se chamava Dilan, pelo que estava escrito no crachá dele no uniforme preto, diferente de todo o resto da equipe, obviamente. Qualquer um pode virar gerente hoje em dia agora, é?

Dilan se aproxima de Cael.

“C-Com licença... você que é o ‘Cael’?”

Cael tira sua atenção das promoções e se vira para Dilan, que parecia estar um pouco nervoso, por algum motivo.

“Sim, sou eu.”

Dilan passa a mão sobre o outro braço.

“E... você está interessado em se inscrever para a vaga?”

“Estou.” Cael respondeu sem nem pensar duas vezes.

A questão é, Cael responde numa suavidade que dependendo da pessoa, como o Dilan, pode soar alguém cara fechada ou que está bravo com algo. Mas muito pelo contrário, Cael era mais tranquilo que um riacho, mas a forma que Cael fala sem muita entonação, pode parecer estranho para muita gente.

“C-Certo... poderia vir comigo? Podemos conversar na sala ali atrás dos funcionários...”

“Claro.”

Aí os dois saem do meio da loja, e passam por fora, para acessar a sala de funcionários pelo outro lado, já que Cael não podia passar no meio da cozinha. A sala era pequena, como era de se esperar, e tinha outra entrada, talvez a sala do Dilan. Talvez não... era, por que tá escrito na placa “Gerente de Turno” ou qualquer outro nome que você imagina pra essa função, tanto faz.

Eles entram nela, e também uma sala pequena, mas tinha a mesa no canto, umas estantes com placas de prêmios que a loja recebeu no passado, incluindo uma recentemente de melhor atendimento. Se foi recebido de melhor atendimento tendo a Ashley na frente... nem dá para imaginar o pior. Mas enfim, Dilan se senta na cadeira, e faz um sinal com a mão pedindo para Cael se sentar também.

Dilan pigarreia um pouco, ainda se recuperando um pouco do nervosismo, e já começa com sua primeira questão.

“Bom, uhm... Cael... Você trouxe seu currículo para mim analisar?”

Cael inclina a cabeça. “Hmm. A Ashley comentou sobre esse tal ‘currículo’, mas não, eu não tenho isso.” Ele põe a mão sobre o queixo, como se fosse uma questão muito profunda (só que não).

“O-ok...”

Dilan puxa uma gaveta do seu lado e pega um papel e caneta. O papel que ele pega era basicamente um modelo de currículo padrão, então, o jeito era preencher as informações do Cael.

“Posso... te perguntar umas coisas básicas?”

Cael dá de ombros. “Vá em frente.”

“Tá...” Dilan se ajeita na cadeira, preparando para escrever. “Seu nome completo...?”

“Cael.”

Dilan pisca 3 vezes. “Cael... do quê?”

“Apenas Cael.”

Dilan ri de nervoso, começando a acreditar que Cael estaria brincando, fazendo algum trote, pegadinha...

“Digo... seu sobrenome...”

“Não tenho sobrenome.”

Ele dá uma respirada profunda. Ok, esse cara não era normal. Dilan sabe que ele está falando sério por que ninguém ia persistir tanto numa piada assim, considerando que Cael ficou esperando um tempo para poder tentar uma vaga.

Mas, Dilan não pode simplesmente admitir alguém que mal tem alguma informação de nome, ainda mais que os superiores não iam gostar. Mas ele precisava de gente para fechar o quadro...

Ele dá outra suspirada.

“...Olha, v-vou deixar de lado essa parte burocrática, por enquanto. Até você... s-se resolver com isso.”

“Ok.”

Dilan coça atrás da nuca.

“Bem... Sua função será basicamente ocupar o lugar na grelha. Além disso você também p-poderá ser requisitado cumprir outras funções se necessário. E também, uhm...”

O nervosismo de Dilan aumenta um pouco, ele só queria tentar fazer um bom trabalho, mas agora ele até está esquecendo do roteiro de como introduzir as funções e benefícios a um novo funcionário. Mas temos que dar uma colher de chá, afinal, Dilan foi recém promovido, e está lidando com um pouco de pressão neste começo. É fácil perceber que ele recém recebeu o cargo apenas pela forma que ele conduz isso tudo.

“E também... 11 dólares por hora...” Ele respira um pouco. “Ahem. Eu v-vou... pedir para outro te guiar pela cozinha, te mostrar como funciona e manuseia os equipamentos... pronto para começar?”

“Acho que estou pronto, sim.”

“Perfeito... Pode se levantar. Vou acompanhar e pedir a alguém lá.”

Os dois se levantam, saindo da sala. Dilan quis terminar esta “entrevista” rápido, por que além da pouca pressão, Cael era realmente um teste de resistência e ainda não havia passado outra pessoa que agia igual ele, mal ele sabe o que ainda pode ter de surpresa. A pior parte é Cael apenas aceitando tudo, não questiona, mesmo sem saber ele já está sabendo se comportar em uma sociedade capitalista: sem questionamentos. E claro, aprendemos que Dilan pode não servir muito bem neste cargo, mas não cabe a nós julgar isso, correto?

## *Parte 1 - Cheiro de fritura no ar*

Após esse desastre que apelidamos de “entrevista”, Dilan acompanhou Cael para a parte onde os funcionários estavam, mais conhecida como cozinha. Dilan instruiu ele com informações básicas, pelo menos essas ele conseguia fazer ser se esquecer ou gaguejar tanto, ou ele só se acostumou com Cael. Falando para ele que na área da cozinha ele devia usar touca, falou um pouco sobre o turno em si, não esquecer de bater o cartão antes de sair, e explicou que o intervalo era de no máximo 1 hora (aqui eles são generosos pelo menos, diferente de alguns lugares) além das escalas semanais, infelizmente ele terá ainda que trabalhar em fim de semana... Mas Cael não podia se importar menos.

Depois de ter tido uma mini aula de processos com Dilan, e que por incrível que pareça Cael entendeu tudo sem questionamentos esquisitos, Dilan chama alguém da cozinha para acompanhar Cael pelo resto do turno, basicamente, ensinar como faz as coisas e conferir se ele está fazendo tudo certo. Um dos funcionários que irá acompanhar Cael, é uma raposa cinza, chamada Andrew, que estava escrita em seu crachá. Ele era um dos que trabalhavam na grelha e montagem de lanches, e era do tipo mais pé no chão, diferente da atendente Ashley que tinha aquela cara derretida que odeia meio mundo, e outros funcionários que TALVEZ você lerá aqui.

Enfim, Andrew chega perto de Cael para cumprimentar com aperto de mão amigável e... Cael ficou olhando a mão. Aparentemente, o gesto não fazia sentido para ele. Ou melhor, não que não fazia sentido, ele apenas não entendia mesmo que aquilo simbolizava algo social dessa forma, mas Cael olha para ele de volta e só acena. Andrew só guarda a mão, e chama ele para perto da grelha, começando o primeiro pequeno tutorial.

“Aqui, a grelha já está na temperatura, e você não deve mexer nela aqui, certo?”

“Ok.”

Como já tinha um número de lanches na fila, ele aproveita para pegar as carnes e deixar, para mostrar pra Cael.

“Você vai sempre prestar atenção nos pedidos que vierem, o ideal é sempre deixar algumas a mais fritando para quando chegar um pedido novo, já ter algo pronto.”

“Ok.”

Andrew apenas olhava e acenava com a cabeça, até por que, bom, Cael apenas concordava como se tivesse absorvendo as informações. O pior que ele realmente está sim.

“Certo. No mais é isto, você também vai ser responsável em montar os lanches, e essa parte tem que prestar bastante atenção por que não é apenas com carne que você vai mexer. Vamos deixar alguns prontos, e te mostro como monta.”

“Tudo bem.”

Andrew deixa as coisas prontas que ele grelharam, e foram para a pequena mesa ao lado, onde tinha uma tela com os pedidos pendentes, e também uma tabela de como montar cada lanche de cada forma. Andre pega e mostra para Cael.

“Aqui, cada lanche é diferente, correto? Esse triplo bacon são três camadas de carne e um pouco de bacon em cada. E...” Ele aponta para o outro. “Este aqui é um cheeseburger simples, uma carne, queijo, e um pouco de alface. Todos os ingredientes estão nessas pequenas bandejas. Acha que consegue dar conta de tentar um?”

“Posso tentar.”

Primeiro, Andrew faz um como demonstração, apontou para a tela, mostrou na tabela, e montou o cheeseburger simples, indicando porções e quantidades. Logo após, foi a vez de Cael tentar fazer o seu primeiro. Ele se atentou a tudo que Andrew mostrou. Cael olhou para a tela vendo que tinha 3 pedidos pendentes, com nomes idiotas apenas para falar que tem uma ou duas carnes a mais, e se tem cheddar ou não. Ele decorou os nomes e olhou a tabela. O que Andrew não estava esperando, é que Cael iria começar a montar os 3 ao mesmo tempo, e o pior, que ele passou o olho por cima da tabela apenas uma vez e já sabia como montar e as quantidades pesadas exatamente como estava indicado, a velocidade que Cael fazia era até que rápida, ele fez os 3 na velocidade que um novato qualquer faria metade de um. Andrew deu um sorriso de canto.

“Muito bem, novato. Assim tu vai ser o novo rei dos hamburgueres.”

Ele fala rindo, com um pequeno tom de deboche.

“Ah, então fiz um ótimo trabalho.”

Andrew dá de ombros. “É, talvez.”

Eles ficaram revezando as tarefas depois disso, mas para Cael, aquilo estava bem fácil até, os pedidos chegavam e ele já estava com as coisas preparadas, a precisão que ele fazia era impressionante. Bom, não podemos esquecer que estamos vendo a representação do universo ali, se ele não conseguisse fazer algo bem ao aprender, seria estranho, certo?

Enquanto isso, do outro lado da cozinha, tinha duas pessoas, uma que estava na fritadeira das batatas, com o crachá de nome Ezra, aparentemente um híbrido pois dava para notar os chifres pequenos e as grandes orelhas caídas por baixo do boné da empresa. E a outra, o crachá dizia Taylor, e era uma hiena e provavelmente a mais alta dali, que estava encostada na parede perto de Ezra, de braços cruzados e olhando bem para onde estava aquelas duas coisas que chamamos de funcionário e aprendiz.

“Heh.” Ela solta um riso curto.

Ezra que estava terminando de fritar uma das porções antes de deixar pronto no pacote, se vira para Taylor.

“O que foi?” Ele fala com aquela voz suave e meio doce.

Taylor aponta com o focinho em direção àqueles dois “coisas” que estavam montando os lanches.

“Se liga ali no novato. Acha que tu vai ter um competidor?”

“Hein?”

Ezra dá meia volta, e observa também dali aqueles dois. Ele observava Andrew, de costume, concentrado na grelha, mas o que chama atenção mesmo é o outro, Cael. Fazendo agora 5 lanches ao mesmo tempo e ritmado para conseguir montar todos de forma rápida.

“Mas que porra...?”

Taylor agora ri um pouco mais. “Parece que alguém vai perder o posto de funcionário eficiente do mês, hein?”

“Vai se foder, Taylor, não é engraçado.”

Taylor dá de ombros e sai dali, provavelmente indo para seu posto, ou vadiar em outro canto da cozinha. “Chato do cacete tu, hein ô?”

“Hmm...”

Ezra ficou olhando por mais um tempo o jeito que Cael trabalhava, era estranhamente padronizado, além de que ele olhava para a cauda, com aquela textura espacial... sério que ninguém notou isso? E também Cael notou que estava sendo observado, e se virou para Ezra, dando um aceno curto. Que fez Ezra rolar

os olhos e voltar ao trabalho, e perceber que as outras batatas estavam queimando. Quem mandou ficar fofocando pelo olhar, hm?

Mas agora ele vai ficar com isso na cabeça... Como assim dava pra ver algo através dessa pelagem? Por que ninguém tá falando disso? Ele é daqui? Isso é o que ele pensa, e quem sabe ele vai decidir começar a observar. Ezra era do tipo que ficava assistindo documentários de ufologia, e acredita SIM que existam seres fora da Terra, mas é muito cedo pra Ezra desconfiar de algo ainda, só que, ele vai ficar de olho.

...Ou era isso que ele pensava, por que ele queria muito falar disso, e claro que ele não a deixar Taylor em paz, que estava no seu posto de abastecer a máquina de sorvete, que incrivelmente, ainda não estava quebrada. Ele deixa aquelas batatas de lado, e sem esquecer de descartar as que queimaram, e vai até Taylor.

“Ô, Taylor.”

Taylor só olha pelo canto, mas está ouvindo ele.

“Fala.”

“Não percebeu algo... ‘estranho’ naquele novato lá?”

Agora ela vira o rosto pra olhar pra ele.

“Quer dizer, ‘aquele que tá fazendo melhor que tu em pouco tempo’?”

“Porra, tô falando sério. Se liga ali, ele fica encarando aquela grelha como se fosse uma presa, e sem falar na cauda dela que tem essa... cor estranha, sei lá, parece que dá pra ver algo através dela.”

Ela olha para Cael de longe, olha de volta para Ezra, para Taylor, Ezra estava inventando moda, ou não queria aceitar que alguém podia ser mais eficiente. Bom, pelo menos o novato ainda não queimou as batatas, então perdeu uns pontinhos aí.

“Acho que tu tá chapando, cara. Tá querendo treta com o novato logo no começo do trabalho dele?”

Ezra coloca a mão no peito, como se ela tivesse o atacado pessoalmente.

“Quê? Óbvio que não, né, cacete. Eu tô falando que tem algo diferente naquele mano, e ainda vou saber o que é.”

“Vai começar de novo tu com essa merda...” Ela se vira de volta para fazer seu trabalho. “Boa sorte aí então, seja lá qual for a porcaria que tu quer tentar provar.”

“Hmpf.” Ele dá de ombros e também começa a vazar dali. “Tu vai ver só.”

Então Ezra volta pro seu posto, também jogando fora a cagada que ele fez com as batatas anteriores, e repôs com umas novas para deixar pronto, mas ele ainda dá umas olhadas de canto para Cael que estava do outro lado na grelha, e Cael, claro, sentia que Ezra ficava cuidando dele.

Já se passou alguns minutos com cada um fazendo seu trabalho e as trocas de olhares de Ezra, agora eles entraram num horário da manhã onde o pico era menor, então tinham mais tempo para desacelerar o passos antes de chegar no pico do meio-dia. Ashley, a ratinha de antes, aproveita para dar uma limpada no caixa, Taylor ficava de braços cruzados esperando qualquer cliente vir pedir sorvete e encher o saco dela, Dilan estava na dele fazendo uma vistoria em alguns refrigeradores que estavam com problema, enquanto Andrew e Cael estavam aproveitando para limpar a grelha, já que as carnes foram deixadas na bandeja do lado, praticamente prontas.

Andrew mostra o básico para cael de limpeza, como usa a esponja metálica e espatula para tirar o excesso, e Cael olhando aprendendo tudo com clareza, até ele ser deixado sozinho ali. Ezra por enquanto estava sem muito para fazer, então ele decide se aproximar de Cael, não para trocar conversa, mas pra entender melhor aquele ser esquisito que chegou hoje já causando uma invejinha na nossa cabra-coelho.

Como o Andrew tinha ido para outro lado, Cael que não estava sendo observado por ninguém, exceto por Ezra, decide passar a mão por cima da grelha, só para ela ficar limpa igual um brico. Bom, isso era para ele poupar esforço, o próprio Cael achava ineficiente a forma de limpar que Andrew mostrou, mas, Ezra acabou por ver a ação “mágica” dele.

“Mas que porra foi essa-”

Ezra pensou alto, e Cael que estava de costas, ouviu ele e se virou.

“Hm? Precisa de alguma ajuda...” Ele olha pro crachá. “...Ezra?”

Ezra se assusta, mas ele segue o jogo.

“Sim... Quer dizer- Não! Na verdade eu tenho é uma perguntinha.”

“Pode perguntar.”

“O que foi isso que você fez? Como tu limpou a porra da chapa com a mão e ela ficou BRILHANDO?!”

Cael inclina a cabeça. “Eu só passei por cima, usar a esponja não foi a melhor opção para-”

Antes que Cael completasse, Andrew volta para ali.

“O que tá acontecendo? Eu ouvi o Ezra gritando.” Andrew olha para Ezra do outro lado da grelha, ele estava tendo um “diálogo” com Cael.

“Só tô questionando como caralhos ele conseguiu deixar a grelha branca de novo!”

Andrew olha para Ezra, e então para Cael, que estava com a esponja em uma das mãos. E claro, olhou para a grelha em seguida, e realmente ela estava como nova, ele se surpreendeu, mas para Andrew, Cael apenas soube limpar muito bem.

“Olha, Ez, eu acho que ele conseguiu deixar ela limpa com a esponja.”

“Não! Ele passou a mão ali e só ficou novinha em folha, isso não faz sentido!”

Andrew solta um riso curto “Ah sim, mas a esponja é suposta para usar com a mão mesmo, né?”

Ezra bufa.

“Mas eu tô falando sério, cara! Eu vi!!!”

Cael não diz uma palavra, e Andrew só chega perto de Ezra.

“Assim, eu sei que tu se esforçou nesses dias, mas o novato ali é bom mesmo, não tá querendo aprontar pra cima dele, né?”

“Não, eu só-” Ezra fecha a cara, e se vira. “Urgh! Tanto faz. Eu sei o que eu vi.”

Ele só sai de perto voltando pro outro lado da cozinha. Andrew se vira pra Cael.

“Ele te incomodou muito?”

Cael só deu de ombros. “Não.”

Andrew acena com a cabeça, e retornou ao trabalho, pegando as outras carnes do refrigerador para preparar para os próximos momentos. Alguns pedidos chegaram, mas eram simples, e Cael ficou responsável por montar eles.

Mas o silêncio não durou muito tempo, Cael ficava olhando para a carne enquanto montava o lanche, até que ele solta a pergunta proibida.

“Andrew. Estava curioso sobre algo. De onde vem a carne de vocês?”

Andrew gelou, Ezra que estava na fritadeira olhou de canto de olho, Ashley nem ouviu e Taylor, que ouviu, caiu na gargalhada, e ela se aproveitou da situação para fazer graça.

“De onde tu acha, mano? A gente usa a carne dos antigos funcionários.”

Ezra olha para Taylor. “Cala a boca, caralho! Não é para falar dessas coisas.”

Andrew se aproxima de Cael. “Seguinte, a gente não faz esse tipo de pergunta aqui.”

“Por que não? É uma pergunta genuína.”

Andrew suspira.

“Olha, isso é-”

Ezra interrompe.

“É sintético, tá ligado? Proteína de laboratório, essas coisas aí que a gente tem que fingir que não sabe... E não dê ouvido para Taylor, a gente não tá mais em 1200.”

“Mas seria foda.” Ela ri.

Ezra ergue o tom. “Vou te mostrar o que é foda-”

“Seguinte, deixa essa conversa pra lá.” Dilan aparece, interrompendo tudo. “Cael, não faz essas perguntas.”

Cael pisca algumas coisas, mas só aceita mesmo.

“Bom, tudo bem.”

Ezra fala baixinho para a Taylor. “Eu vou te jogar na fritadeira.”

“Tenta a sorte, baixinho.”

Agora sim, eles tem um pouco mais de momento de tranquilidade, até chegar o horário de pico novamente.

O resto desta metade do dia, passou praticamente igual a manhã. Até por que, esse tipo de trabalho é do tipo monótono, onde todos os dias são iguais. Isso não afeta Cael, mas ele já percebe que tudo é muito repetitivo e não entende como tem tanta gente nisso. Nem sei por que eu fui me candidatar nesta vaga... Ops, finge que não quebrei a quarta parede agora.

Enfim, durante o turno, Cael ainda mostrou um pouco mais dos seus jeitos peculiares de fazer as coisas, depois da mão limpadora que fez Ezra achar que Cael era um alien ou coisa do tipo. Uma dessas coisas, foi Cael ter aprendido o padrão do tipo de pessoa que pede tal coisa, assim, Cael preparava e deixava pronto lanches ANTES mesmo de alguém pedir, quase como adivinhando. E parece que Ezra está tipo em uma pegadinha do universo (bom, não está na pegadinha, o universo está literalmente ali perto dele), por que os colegas apenas se impressionam, mas só ele acha isso muito suspeito.

Outra coisa que chamou a atenção de Ezra, é como Cael não parece se cansar, ele o viu indo pra lá e pra cá, ajudando em outras partes, tudo em uma alta velocidade sem nem precisar parar para respirar, que é outra coisa que ele notou, que Cael parece não respirar. Que de certa forma, ele não precisa, mas Ezra notou que ele não enche o peito nem solta, muito menos ouviu um suspiro ou bocejo vindo do sujeito.

E ficou nessas anotações mentais durante o dia todo de turno e parecia ser algo combinado só o Ezra notar essas estranhezas (ou preguiça de roteiro, isso também pode fazer sentido). Até que em um momento, Cael finalmente errou em algo.

Ele deixou algumas carnes queimarem, por que ele estava fazendo mais de uma função, e só deixou escapar isso. Ezra do outro lado ficou olhando, rindo um pouco por que finalmente o novato cometeu um erro e chamou até a Taylor para ver.

No que ele chamou e foi olhar de volta para Cael... as carnes estavam normais de novo, e o infeliz encarando a grelha. Isso deixava Ezra maluco da cabeça, ele não conseguia pegar uma prova de que Cael tinha algo fora do comum com ele. Como você convence a alguém que o novato é outro tipo de ser sem parecer que você está com inveja, só por que ele faz tudo que tu faz só que melhor?

Bom, não tem como. Mas pode ter certeza que o louco agora virou Ezra. Até por que, ele fazia comparações com aliens, comentava coisas de seres de fora tentando se enturmar sem sociedade e relacionado com Cael, justificando seus comportamentos e ele perguntar coisas específicas demais.

Olha, Ezra, em partes você não está errado. Além de que questiona e observa demais.

## *Parte 1 - Fim de expediente*

A tardinha estava chegando, e o turno deles estavam quase acabando. Alguns funcionários de meio-período que ficam até mais tarde estavam chegando, dando a chance dos atuais colegas começarem a ir embora pouco a pouco. Exceto Dilan, já que é gerente de turno, ele que fechava a loja.

Ezra foi um dos primeiros que já tinham batido cartão, e em seguida Cael.

Cael estava do lado de fora já, encostado na parede olhando para o alto, o céu escurecendo. Ele apenas fazia pequenos questionamentos na cabeça:

*“Isso aqui é um pouco diferente do que já vi.”*

*“Incrível como essa sociedade evoluiu muito mais tecnologicamente do que os universos anteriores, mas ainda retrógrados em certos aspectos.”*

*“Por que Ezra ficou o dia todo querendo provar que eu era de fora?”*

No que Cael (ou eu) ficava pensando, Ezra saía também da parte de trás dos funcionários, agora com sua roupa casual. Ele viu Cael olhando para o alto, e decidiu chegar perto.

“Por que... tu tá aí ainda? E tu ainda não trocou tua roupa de trabalho?”

Ele dizia isso, se encostando na parede do lado do Cael, e ele se vira para Ezra.

“Ah, oi Ezra. Não tenho o que fazer agora, então estou aqui. E tem razão, vou tirar isso.”

Ezra se afasta. “Ah pera aí, mano, não troca aqui fora nã-”

Num piscar de olhos, Cael estava com uma roupa mais solta, moletom grande, jeans, calçados confortáveis... o suficiente para ele parecer sociável e amigável para o pessoal ali, de acordo com o que ele sabia de universos passados.

Ezra suspira.

“Olha... o dia todo tô tentando dizer pra qualquer um que tu não é normal, falam que sou louco, e tu me faz uma dessas na minha frente? Qual é, cara...”

“Por que tu acha que não sou ‘normal’?”

Ezra cruza os braços.

“Porra, não é óbvio? Primeiro teu cabelo e cauda parece sei lá... uma galáxia que se mexe, tu aprende as coisas num nanossegundo, previu os pedidos e ainda conseguiu limpar a grelha só passando a mão por cima, sem contar com agora...” ele para para respirar um pouco. “Na boa, o que você é?”

Cael coloca as mãos nos bolsos do moletom, ele mantém a expressão neutra mesmo que no fundo foi interessante Ezra comentar tudo isso. Principalmente, quando se trata das “estranhezas”, muitos questionam mas só aceitam, ou deixam ele quieto, porém Ezra foi curioso o suficiente para perguntar e se aproximar.

“O que você acha que eu sou?” ele se desencostou da parede.

Ezra pisca algumas vezes, ele meio que não esperava essa pergunta.

“Uhm... sei lá, porra. Um alien? Pelo menos parece um desse jeito e todo esse jeito aí.”

“Se você acredita nisso, tudo bem então.”

“Nnngaah! É isso que falo! Tu age todo estranho, cara!”

“Você tem algum lugar para ir? Eu posso acompanhar.” Cael apenas corta o assunto, não por que ele quis ser mal educado, mas apenas por curiosidade também, e Ezra ganhou um pouco da atenção dele.

“Hein?”

“Eu disse, não tenho nenhum lugar para ir.”

Ezra passa a mão no seu outro braço.

“Bom, eu tenho uma ‘casa’... Mas não é o que tu espera. Mas tu não tem uma?”

“Posso te contar melhor no caminho. Você não quer saber o que eu sou?”

Ezra suspira.

“Certo...”

Eles começam a caminhar na rua de trás da loja, e começava a ficar frio também. Como as coisas mudaram com o tempo em relação ao clima, principalmente a forma que o avanço afetou a estabilidade nessa questão, acaba ficando mais frio nessas áreas da cidade, especialmente naquelas que ficam cobertas pelos megaprédios, que é o caso deste restaurante.

Seguiam uma rua curvada, megaprédios acima acendia luzes neon e chamativas, provavelmente alguns clubes começavam a funcionar lá por cima, pubs, entre outros eventos que o pessoal da noite gostava de curtir.

Estava um silêncio entre eles, até que Cael decide quebrar a quietude.

“Então, posso saber o que você é?”

Ezra vira o rosto para ele, enquanto ainda caminha.

“Hã? Eu que devia perguntar isso.”

“Parece que perguntei primeiro.”

Ezra suspira.

“Sou um coelho-cabra. Híbridos são raros, e as vezes zoados.”

“Você é zoado?”

“...Não. Pelo menos, não mais, antigamente eu era... Ei! Por que tô te falando isso? Você que tem muito a responder pra mim!”

Cael dá de ombros.

“Vai em frente.”

“Ugh... Tá, okay. Hmm...” Ezra anda um pouco mais rápido para ficar mais a frente dele, se virando. “Beleza, vou fazer a mesma pergunta que você fez pra mim: o que tu é?”

“Quais são as chances de você acreditar em mim?”

“Depende do que tu falar. Já vi tu fazendo coisa esquisita o dia todo, então... mais que isso não deve ser.”

“Bom, eu sou o universo.”

Ezra para um pouco, cruza os braços, e ri um pouco.

“Hahaha! Tá bom. É a porra do universo sim, e eu sou o papai noel.”

“Acredite no que você quiser.”

“Grrr!” Ezra bate o pé. “Cacete! Por que tu é assim?”

“Estou apenas respondendo sua pergunta, você acreditando em mim ou não, muda em algo? Aliás, você mesmo disse que me viu fazer as coisas ‘estranhas’, nas suas palavras.”

Ezra suspira. “É verdade.” Ele volta a ficar do lado de Cael, ainda caminhando, o caminho ficando mais íngrime. “Tá, SUPONDO que você é mesmo o universo, por que estaria falando isso pra mim, na lata?”

Cael olha para Ezra do seu lado. “Você apenas pareceu interessado e curioso com tudo isso.”

“Curioso como?”

“Bom, o que eu vejo que todo mundo interpreta sobre mim, seja aqui nessa Terra, ou em outras de várias eras, eles tratam o ‘estranho’ com indiferença. No sentido de que eles vão parar para te olhar, talvez rir, gravar, e seguir suas vidas em seguida. Então se eu falasse que sou o universo para qualquer um, resultaria em algo parecido, no máximo ser chamado de ‘louco’. Você pareceu o único de lá, por exemplo, que saía um pouco dessa curva.”

Ezra pisca os olhos. “Uou, tá...”

Eles agora passam por uma parte do caminho que era mais alto, uma espécie de uma beirada que dava visão para mais partes extensas da cidade, com as luzes noturnas brilhando, uma vista que dava para ver até os anúncios no céu, sem contar os carros voadores que diminuíram o tráfego nessas horas. Ezra se encosta de costas no parapeito.

“Mas...” Ezra olha para o alto. “Eu talvez não seja o único que reagiria assim. Tipo, que ia querer mostrar que tem algo a mais.”

Cael sobe no parapeito, se sentando nele, ficando perto do lado acima de Ezra.

“Sim. Mas eu sei que tem algo diferente em você também.”

“D-Diferente como?”

Ele fica olhando para Ezra. “É difícil dizer.”

“Ah não fode! Deve ser um blefe ou tá falando porra nenhuma mesmo.”

“Não é qualquer coisa. Você é curioso, e parece não ter medo de quando tem algo ‘estranho’ na sua frente.”

“Bom... eu talvez ‘não tenha’ medo. Eu apenas gosto de entender...”

“É um dos motivos.” Cael desce do parapeito, de frente para Ezra. “Se importaria se eu te acompanhasse por um tempo?”

“Hein? Que papo é esse?”

“Você me chamou o interesse. Eu posso apenas acompanhar, quem sabe ficar de olho em alguma coisa. Eu posso desaparecer dessa forma material e você nem perceberá que estarei em todas as coisas.”

“Isso é... bizarro. Mas duvido, se tu desaparecer na minha frente agora, eu acredito em você.”

E dito e feito, pelo pedido de Ezra, Cael só some da frente dele. Sem efeito, sem nada, como se só fosse deletado da realidade.

“Tá, tá! Pode voltar!” Ele fala com um nervosismo, e Cael volta no mesmo instante, mas do lado dele.

“Eu te falei.”

“Eu tenho tantas perguntas...”

“Posso responder as que você quiser. Eu tenho muito conhecimento da existência, além de que posso dizer curiosidades de eras passadas.”

“Outra... Outra hora, isso já é bastante para mim processar.”

Logo em seguida, eles voltam a caminhar, o caminho seguiu na curvatura para depois chegar em uma parte mais reta, em uma área mais sozinha da cidade, onde pelo jeito vivia as pessoas de mais baixa renda. Algumas se instalaram em lugares abandonados, e outros tinham casas mesmo, mas simples. Eles passaram perto de uma antiga estação de energia abandonada, ainda com as torres de pé, mas sem funcionar.

Ezra pula uma mureta que dava ao outro lado, onde tinha umas casas pequenas, e Cael segue atrás. Uma destas pequenas casas, era a de Ezra, onde eles param na frente.

“Bom... aqui é onde moro.”

Cael observa a casa, e as outras parecidas, que os outros tomaram conta, que antigamente possivelmente era onde operavam a estação.

“Parece humilde.”

“É...” Ezra pega a chave do bolso, e abre a porta. “Eu não tenho muito... longa história.”

Eles entram. Dentro da pequena casa, tinha o básico. Uma cama no canto, pia funcional, uma pequena geladeira, uma estante com uma TV... E claro, a estante cheia de livros de história de ficção, e alguns eram relatos de ufólogos, que chamou atenção de Cael.

“Você gosta deste assunto?” Cael segurava uma cópia intitulada ‘Eles estão entre nós’. A capa era um OVNI com uma caricatura de um alien de um autor chamado Richard Nakhonethap.

Ezra larga a mochila no canto, e se senta na cama.

“Sim... Eu via muita coisa disso, não só sobre ufologia. Gostava de ver coisas sobre o espaço, mas parei com o tempo com tudo isso.”

“Hmm...”

Cael coloca de volta no lugar. “Vai descansar?”

“Acho que sim, e... tenho tantas dúvidas, mas agora eu tô cansado demais para acompanhar.”

“Certo. Eu posso ficar lá fora e sumido. Amanhã podemos conversar.”

“É... tá, amanhã tô de folga mesmo.”

Cael vai até a porta sem dizer nada. Ezra estende a mão para tentar chamar ele, queria tentar perguntar mais algo, mas nada vem a mente, então só deixa Cael sair, sem dizer nada. Isso ainda foi bem estranho, mas agora Cael vai ficar por perto. Ezra ainda fica na dúvida no que Cael ainda quer com ele com isso, se realmente era por que ele foi curioso... e também, ele tem tantas perguntas, que provavelmente serão todas respondidas por que Cael não mostrou ter um “filtro” com ele.

Cael no lado de fora, depois de fechar a porta, observa o céu que mal dava pra ver estrela devido a poluição. Bom, agora ele irá acompanhar Ezra em seus dias, ainda

não sabe como, exatamente, mas irá. Não se sabe exatamente o que se passa na cabeça de Cael, quer dizer, vocês não sabem.

Agora, isto ficará para uma próxima vez. Conteí muito deste encontro, foquei demais em mim mesmo, então a gente precisa voltar a dar atenção para nossos outros amigos. Mas se tiver algo de Ezra novamente, pode ter certeza que o que mais vai ter, é ele perguntando coisas idiotas, ou querendo ser curioso demais. Curioso também? Bom, então vai ter que esperar mais um bom tempo.

*Fim do Episódio 3*